

“CARNE QUE TE QUERO CORPO,
NOME QUE TE QUERO CARNE...”

“A experiência psicanalítica descobriu no homem o imperativo do verbo e a lei que o formou à sua imagem. Ela maneja a função poética da linguagem para dar ao desejo dele sua mediação simbólica. Que ela os faça compreender, enfim, que é no dom da fala que reside toda a realidade de seus efeitos; pois foi através desse dom que toda realidade chegou ao homem, e é por seu ato contínuo que ele a mantém.” (Função E Campo Da Fala E Da Linguagem Em Psicanálise ,1953; p. 323)

Pretendemos aqui, hoje, engrossar a fileira dos que defendem a *hipótese de Lacan*. No texto *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (p. 276), Lacan enfatiza que a psicanálise, esta inventiva freudiana, nos legou uma nova concepção acerca do corpo: “Pois a descoberta de Freud é a do campo das incidências, na natureza do homem, de suas relações com a ordem simbólica, e do remontar de seu sentido às instâncias mais radicais da simbolização no ser. Desconhecer isso é condenar a descoberta ao esquecimento, a experiência à ruína.” Retomemos: *Incidências, na natureza do homem, de suas relações com a ordem simbólica*, (é inclusive este o grande malestar do homem apontado por Freud no *Mal estar da civilização*) afirmação que viemos dizendo aqui, de várias formas: *o corpo é afetado pela linguagem; a linguagem recorta o corpo*, o corpo é sensível à palavra. Nos aproximando *da hipótese da linguagem*, propomos, radicalizar esta proposição: mais do que incidir, afetar, recortar o corpo, formulações que ainda preservam uma certa dicotomia corpo/psíquico, é a linguagem que faz o corpo. Contrariando uma crítica feita à psicanálise, ou mesmo uma tendência adotada em algum momento da história da psicanálise pelos analistas, de desconsiderar o corpo, queremos aqui reafirmar a contribuição radicalmente original que a psicanálise, trás acerca do corpo. É isto que aqui tentaremos demonstrar: **quê, e como, a linguagem faz o corpo**. Para isto, faremos o seguinte desenvolvimento:

- O primeiro termo da proposição ‘a linguagem faz o corpo’ é o S₁: o sujeito, antes de surgir como existência material, substância corpórea, surge como significante.
- Segundo termo da proposição ‘a linguagem faz o corpo’: o objeto a.
- Terceiro termo da proposição: as “incidências” do objeto a, “traduções possíveis da falta original”.

Primeiramente devemos lembrar que a linguagem para a psicanálise não corresponde exatamente à linguagem dos linguistas. Para a psicanálise, a linguagem não tem função comunicativa e sim função evocativa – de chamamento. Trata-se, em última instância, da evocação do sujeito, tanto no seu surgimento/advento, como no processo de seu desenvolvimento psíquico. Cito Lacan: “a função da linguagem não é informar, mas evocar. O que busco na fala é a resposta do outro. O que me constitui como sujeito é minha pergunta.” (função e campo da fala e da linguagem em psicanálise, p. 301). A linguagem é “linguagem de seu desejo, isto é, na *linguagem primeira* em que, para-além do que ele nos diz de si, ele já nos fala à sua revelia,” (escritos: função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953) 294).

1º ponto: linguagem como evocação do sujeito no seu advento

Para Lacan, antes mesmo de surgir como ‘existência’, substância viva, existência material, o sujeito surge do significante: “para nós, o sujeito tem que surgir do dado dos significantes que o abarcam num Outro que é o lugar transcendental destes, através do que ele se constitui numa existência em que é possível o vetor manifestadamente constitutivo do campo freudiano da experiência: ou seja, aquilo a que se chama desejo.” (observação sobre o relatório de Daniel Lagache, p. 662)

Este *surgimento* do sujeito a partir dos significantes do grande Outro, nos remete ao conceito do S₁. Diz lacan: “se o sujeito é o que lhes ensino, a saber, o sujeito determinado pela linguagem e pela fala, isto quer dizer que o sujeito, *in initio*, começa no lugar do Outro, no que é lá que surge o primeiro significante [...] O sujeito nasce - completa ele- no que, no campo do Outro, surge o significante. Mas por este fato mesmo, isto – que antes não era nada senão sujeito por vir – se coagula em significante” (LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 11* p. 187). Continua ele: “O significante Um não é um significante qualquer. Ele é a ordem significante, no que ela se instaura pelo envolvimento pelo qual toda a cadeia subsiste” (LACAN, Jacques. *Mais, ainda: Seminário 20*, op. cit., p. p. 196). Ao se destacar do grande Outro, o S₁ produz naquele, um corte, uma divisão – o grande Outro se faz barrado. Esta operação, “que marca a originação da cadeia significante como uma ordem distinta”(LACAN, Jacques. *A ética da psicanálise: Seminário 7*, op. cit., p.260-261), é o que possibilitará o efeito de significação, posto que o significante só adquire efeito de significado quando está colocado numa cadeia significante (“O significante só tem sentido por sua relação com outro significante.”,

Escritos: Do sujeito enfim em questão, p. 235; o significante é o que representa o sujeito para outro significante). Deste modo, ele *Não é um significante qualquer*, tanto por ser o marco fundador de uma cadeia significante, como tb por ser “entre todos os significantes, esse significante do qual não há significado e que, quanto ao sentido, simboliza seu fracasso.” (*mais, ainda: seminário 20*, p. 107-108); ou seja, a especificidade do S_1 é, não tendo significado, ser esse paradoxal *significante real*, a ponto de Lacan se referir ao “ S_1 como o significante do gozo [...] o mais singular” (LACAN, Jacques. *Mais, ainda: Seminário 20*, op. cit., p. p. 126-127). Neste primeiro momento, então, o sujeito advém do real, do inominável, como um sujeito do gozo.

Temos, assim, que o primeiro termo da proposição ‘a linguagem faz o corpo’ é o S_1 : o sujeito, antes de surgir como existência material, substância viva, surge como significante.

Esta operação de corte, instaurada pelo S_1 , no grande Outro, se por um lado é propiciadora do sentido, por outro lado, produz um resíduo não significantizável, o objeto a. Sobre este objeto, diz Lacan: “É desse grande Outro que ele se separa, que ele se constitui na relação do sujeito ao Outro como resto.” (123) Resto não simbolizável, “é uma falta a que o símbolo não faz suplência.” (P. 146), “a é o que resta de irreduzível nesta operação total de advento do sujeito no lugar do grande Outro, e é daí que ele vai tomar sua função.” (199) Função de vazio - Objeto a: “um lugar de vazio onde virão situar-se outros objetos” Sem A Ang., p.76. É ele “o que representa o sujeito de modo real e irreduzível.” (199). “o objeto a ... Ele é nossa existência a mais radical, que ele é a única via na qual o desejo possa nos mostrar aquilo em que teremos, nós mesmos, que nos reconhecer, este objeto a situa-se como tal, no campo do outro; (199). No seminário 20, Lacan relaciona claramente o corpo ao objeto a: “... O que há sob o hábito, e que chamamos de corpo, talvez seja apenas esse resto que chamo de objeto a.” (sem 20, 14).

Este a, não simbolizável, portanto real, associado ao corpo, o corpo enquanto real, não é da ordem animal, do instinto, do biológico., não é da ordem da natureza, em que pese a advertência de Lacan de que não podemos deixar de implicar o organismo (sem 20, p60, 76). O corpo enquanto real é o corpo enquanto não simbolizável, não investido por significantes. O lugar do sujeito não é no corpo biológico; as funções básicas do organismo, não asseguram nada, elas não são suficiente para lhe assegurar existência; Ou seja, o sujeito tem que forjar um lugar a partir da ‘reserva de atributos’ do tesouro de significantes. Ver sobre o “hospitalismo”: “os cuidados prestados aos bebês não

conseguem revelar outra carência senão o *anonimato* em que eles se distribuem.” (observação sobre o rel de daniel lagache, p. 868)

Isto introduz o segundo termo da proposição ‘a linguagem faz o corpo’: o objeto a.

Como pode, a partir de um vazio, de um *resto não simbolizável, uma falta a que o símbolo não faz suplência*, o sujeito adquirir/construi representações? Como pode o vazio, o nada, gerar algo? Trata-se, em suma, de, como, a partir do a, a partir do vazio, desse modo de *existência mais radical*, o sujeito ganha corpo e dá corpo ao mundo; é este o *mistério*: de como, a partir daí, o sujeito poderá construir representações de si e do mundo. Talvez, a questão fundamental, que responda este mistério, seja que o objeto a não é o vazio: ele é o **lugar** do vazio; ele tem **a função** do vazio, função esta que é a condição fundamental da simbolização, posto que na simbolização se trata de que algo possa ocupar o lugar de outra coisa, desde que esta falte, de que esta, aí não esteja.

Para explicar como, de um “vazio” na sua origem – para Lacan, o objeto a - o sujeito adquire possibilidades de preenchê-lo, representá-lo, substituí-lo, a teoria lacaniana propõe dois caminhos: o modelo do estádio do espelho, e as três modalidades de falta do objeto – privação, frustração e castração.

2º ponto: linguagem como evocação do sujeito nos diferentes estádios do seu desenvolvimento psíquico (as “incidências” do objeto a).

Começemos com o estádio do espelho. É pelo mecanismo do estádio do espelho que se faz possível a passagem do objeto a ao “objeto construído a partir da relação especular,.” (sem ang, p. 98). “Aqui, trata-se precisamente de instituir uma outra forma de imaginarização, se assim posso dizer, na qual se defina esse objeto”, o objeto a (sem. Ang., p. 50). Lacan se refere ao estádio do espelho como “o espaço de uma etapa em que seu *eu* contém suas façanhas imaginárias” (função e campo da fala e da linguagem, p. 283), onde “um ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estádio de *infans*”(escritos: o estádio do espelho, p 97) assume *jubilatoriamente*, uma *forma primordial*, “matriz simbólica em que o [eu] se precipita”(idem).

Precipitação esta, estruturante para o sujeito: “ Pois a forma total do corpo pela qual o sujeito antecipa numa miragem a maturação de sua potência só lhe é dada como Gestalt, isto é, numa exterioridade em que decerto essa forma é mais constituinte do que constituída.... (98).

Há decerto, uma discordância entre essa *matriz simbólica* sobre a qual o sujeito se precipita, e a realidade do sujeito, “mergulhado na impotência motora” ou significante, como situa Gerbase; discordância apagada pelo que Lacan chama de *miragem original*, “... o estádio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental.” (100) É no estádio do espelho que “ a presença especular do indivíduo no outro, encobre sua realidade” (relat daniel lagache, p. 688) “Basta compreender o estádio do espelho *como uma identificação*, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida o sujeito quando ele assume uma imagem ...” (escritos: o estádio do espelho, p. 97).

Este engodo, esta *miragem original*, imagem virtual, com a qual o sujeito se identifica, repetimos, é fundamental para possibilitar a passagem de um *corpo despedaçado* para um *corpo simbólico ortopédico*. Passagem onde o ‘corpo original’ tem que constituir-se no corpo próprio (sem angústia, p 127). “...os pedaços do corpo original são ou não são tomados, apreendidos no momento em que i(a) tem a ocasião de constituir-se. É por isso que devemos apreender que antes da fase do espelho, o que será i(a) está na desordem, pequenos a aos quais ainda não se questiona te-los ou não.” (127)

“Se existe, de fato, alguma coisa que a Sr^a Melanie Klein nos dá a idéia ... é certamente que a situação primeira é caótica, verdadeiramente anárquica. O que é característico na origem é o rumor e o furor das pulsões. Trata-se justamente de saber como algo como uma ordem pode se estabelecer a partir daí.” (sem 4, p 66)

“Esse corpo despedaçado, cujo termo tb fiz ser aceito em nosso sistema de referências teóricas, mostra-se regularmente nos sonho, quando o movimento da análise toca num certo nível de desintegração agressiva do indivíduo. Ele aparece, então, sob a forma de membros disjuntos e de órgãos representados em exoscopia (LER) ... Mas essa forma revela-se tangível no próprio plano orgânico, nas linhas de fragilização que definem a **anatomia fantasística**, manifesta nos sintomas de esquite ou de espasmo da histeria.” (Escritos: estádio do espelho, p.100-101). É esta a ‘anatomia’, o corpo de que se trata na psicanálise, também nomeada de *anatomia imaginária*, como estabelece Lacan acerca das ‘fases’ dos diferentes objetos, “ são todas marcadas por um elemento de ambivalência, que faz com que a própria posição do sujeito participe da posição do outro, que o sujeito seja dois, que participe sempre de uma situação dual, sem a qual

nenhuma assunção geral de sua posição será possível. Em suma, temos aqui a **anatomia imaginária** do desenvolvimento do sujeito....” (sem 4 p. 63)

O estágio do espelho, esta primeira oportunidade de uma identificação imaginária a uma *matriz simbólica*, é fundamental como primeira possibilidade de ‘ordem’ a essa primeira e caótica situação pulsional, de fragmentação, indiferenciação e despossessão. “Há aí uma primeira captação pela imagem, onde se esboça o primeiro momento da dialética das identificações.” (escritos: a agressividade em psicanálise, p.116) “Esses fenômenos mentais a que chamamos imagens, ... a psicanálise foi a primeira a se revelar à altura da realidade concreta que eles representam. É que ela partiu da função formadora das imagens no sujeito...” (escritos: a agressividade em psicanálise, p.107)

O estágio do espelho trás uma questão específica, a função da imagem. Jairo: “o corpo é sensível à palavra” quer dizer, é afetado pelo ics. Isso é a pulsão, completa ele. Isso, continua jairo, o faz valorizar um objeto da pulsão que é a voz. Diz lacan: “não sei porque, o olhar lhe faz uma concorrência eminente.” seria o corpo tb afetado pela imagem? Parece que o modelo do espelho quer indicar que sim. Contudo, é preciso perceber que esta imagem não é uma simples imagem. Essa *matriz simbólica* com a qual o sujeito se identifica, é uma imagem virtual, não é uma imagem real. É uma imagem que nos é dada pelo desejo do Outro, pelo investimento libidinal do Outro. Na fase do espelho a cr não apenas se situa frente a sua imagem, mas, o que é fundamental, “ela experimenta ludicamente a relação dos movimentos assumidos pela imagem com seu meio refletido, e desse complexo virtual com a realidade que ele reduplica, isto é, com seu próprio corpo e com as pessoas, ou seja, os objetos que estejam em suas imediações.” (escritos: o estágio do espelho, p.96-97) Esse jogo revela um “dinamismo libidinal”. (97) “Essa relação erótica, em que o indivíduo humano se fixa numa imagem que o aliena em si mesmo, eis aí a energia e a forma donde se origina a organização passional que ele irá chamar de seu *eu*.” (escritos: a agressividade em psicanálise 116).

.Este ‘dinamismo libidinal’ do estágio do espelho, ilustra que, num tempo em que a primeira representação do sujeito é um vazio, (a), é do outro (do desejo do Outro veiculado por seu olhar) que ele retirará traços para compor-se. Se o sujeito recebe do Outro a sua mensagem, no estágio do espelho, essa mensagem vem pelo ‘espelho do grande Outro’, neste palco, o lugar do Outro se faz como “o lugar da miragem” (Nomes-do-pai, p. 70).

(VER ESQUEMA in: Escritos: Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: “psicanálise e estrutura da personalidade”(1960), p. 681 e Seminário A angústia, p. 48-49)

Um aspecto curioso, simples e fundamental, na questão do espelho, que Lacan ressalta, é que “Não podemos ver a nós mesmos a não ser indiretamente. Ao nos olharmos no espelho, nos vemos lá onde não estamos.” (SEM 10, p.94) (lembrar a criança que si procura atrás do espelho). A aparição de algo como imagem, é “comandada por uma presença dele que está em outro lugar.” (idem). Toda imagem remete a uma falta, ao que aí chamado, está em outro lugar. Ou seja, toda imagem é uma representação, e, como tal, implica, exige, uma simbolização. (‘somatognosia: “imagem do corpo como significante”, sem 4, p. 55). O que faz com que este corpo de que se trata, não nos é dado de modo simples pelo espelho. São preciso costuras simbólicas entre a , $i(a)$ e $i'(a)$. É este o sentido do estádio do espelho: “è que as ligações que ali irão aparecer, do modelo óptico à maneira analógica, relacionam-se claramente, como veremos, com estruturas (intra) subjetivas como tais, representando a relação com o outro e permitindo distinguir nela a dupla incidência do imaginário e do simbólico..” (observação sobre o relatório de daniel lagache: “psicanálise e estrutura da personalidade”(1960) Assim, estádio do espelho, é um modelo ilustrativo do que se passa na constituição do sujeito, ou mesmo do corpo do sujeito, pela entrecruzamento do desejo do Outro com via imaginária, ou até imagética. Desejo do Outro que se manifesta aí, esta a sua especificidade, através do ‘consentimento do olhar do Outro’, que investe libidinalmente o sujeito, investimento este capaz de unificar, dar corpo, criar bordas entre o sujeito e uma vastidão devoradora, fragmentada e caótica. O estádio do espelho ilustra como, a partir do objeto a , este objeto do grande Outro, e suas incidências imaginárias e simbólicas, não simplesmente imagéticas, o sujeito pode ganhar corpo. O modelo do estádio do espelho não dá, simplesmente, “imagem a um jogo de imagens” (rel de daniel lagache, p. 689), ...ele chama atenção para o desejo. (idem, 688)

O estádio do espelho, então, ilustra não só a dimensão imaginária de a , mas tb sua dimensão real e simbólica. É o modelo da articulação do sujeito com o pequeno outro e com o grande Outro (sem ang., p. 40). Aparece nele o objeto a e suas *incidências*. No sem da angústia, imprescindível no estudo do objeto a , lacan assim esse refere a ele: “Este objeto, nós o designamos por uma letra. Tal notação algébrica tem sua função. Ela é como um fio destinado a nos permitir reconhecer a identidade do objeto nas diversas incidências em que ele nos aparece.” (sem a ang., p.98) “... sob as

diversas formas em que ele se manifesta, diz Lacan, trata-se sempre de uma mesma função, a saber, como *a* está ligado à constituição do sujeito no lugar do Outro e o representa” (Seminário 1962-63, p. 337). Considerei que as incidências de *a* seriam as suas traduções imaginárias e simbólicas - *i(a)* e *i'(a)* ? - seriam incidências do objeto *a*, as possibilidades deste, tendo seu vazio preenchido por alguma coisa, uma imagem, um nome, ganhar existência.

Sem angústia: Falta: AUSÊNCIA, ENGANO, ERRO. Definido por oposição a uma presença.

Vazio: VÁCUO, RECEPTÁCULO PLENAMENTE DESOCUPADO. Definido por um nada.

1ª INCIDÊNCIA DO OBJETO A: ‘FALTA IRREDUTÍVEL’: Derivado de S1: objeto *a*, objeto do grande Outro, resto não simbolizável, que aparece da operação do corte que inaugura a cadeia significante, como “ o lugar do vazio onde virão situar-se outros objetos”. (LACAN, Jacques Seminário 1, p. 166). Sem nome nem referente: *a* como um lugar. **Objeto *a*** como real, articulado ao GOZO. Mais-de-gozar, **objeto causa do desejo**. “o *a* é realmente irredutível, é uma falta a que o símbolo não faz suplência. Não é portanto uma ausência da qual essencialmente o símbolo possa dar conta.” (Sem ang., p.146) mas “é daí que ele vai tomar sua função (idem, p. 199): “se constituir no fundamento como tal do sujeito desejante, não mais o sujeito do gozo...” (214)

2ª INCIDÊNCIA: “selecionado nos apêndices do corpo como **indício do desejo**” (Escritos: relatório daniel ... , p. 689). ‘as substâncias episódicas’: “ o objeto que foi inicialmente o ponto de ligação das primeiras satisfações da criança.” “Situa as relações primitivas da criança, onde se não existe ainda distinção entre um eu e um não-eu, já há, virtualmente, na posição mais e menos, presença e ausência, a origem, o nascimento, a possibilidade, a condição fundamental, de uma ordem simbólica” (Sem 4 p. 69) “Em suma, os objetos, no sentido em que os entendemos aqui, que não é metafórico, os objetos apreensíveis, possuíveis – **deixo de lado a questão, questão de observação, de saber se a noção de not-me, não-eu, entra inicialmente pela imagem do outro ou por aquilo que é passível de se possuir** - , os objetos que a criança quer reter consigo...”(Sem 4 p. 69). Seio, fezes, *olhar e voz.. i(a)*, “o que chamei de imagem real, imagem do corpo funcionando na materialidade do sujeito” (sem ang., p.49); corpo próprio, “Essa *i(a)* é dada na experiência especular, mas, como eu lhes disse, é autenticada pelo Outro.” (idem, p.50). **DEMANDA. objeto indício do desejo.**

“*i(a)* e *a*, são o suporte da função do desejo.” (sem. Ang., p. 50-51)

3ª INCIDÊNCIA: dialetização fálica (falo não como o que se é ou onde há um que tudo dá ou tudo toma; falo numa dialética “onde se toma e se dá.” (Sem 4 p. 81)., ordem simbólica introduzida pela função paterna.. ordem do desejo, sempre insatisfeito. “i’(a), que é a imagem virtual de uma imagem real”. Remete ao -phi, não especularizável. (sem. Ang., p. 50), DESEJO. **Objeto do desejo.**

Essas três dimensões não se estabelecem em seqüência linear. Lembro o que Elaine comentou, no sujeito, se trata sempre de uma dinâmica dos três registros, mesmo que um ou outro possa adquirir relevância, em certas condições. Vimos isso no estádio do espelho, anteriormente. Sendo um ser de linguagem, para constituir-se como tal, o sujeito tem que empreender, a partir do outro / Outro, um complexo processo de representar-se em imagem, objeto/referente e em palavras., coisas que no início de seu processo de constituição, estão, mais do que nunca, misturadas. E que, sempre em determinadas condições, voltam a embaralhar-se. Exemplifica lacan: “a fala, com efeito, é um dom de linguagem, e a linguagem não é imaterial. É um corpo sutil, mas é corpo. As palavras são tiradas de todas as imagens corporais que cativam o sujeito; podem engravidar a histérica, identificar-se com o objeto do pênis-neid, representar a torrente de urina da ambição uretral, ou o excremento retido do gozo avarento.” (Função e campo da fala e da linguagem, p.302)

Cont: “mais ainda, as próprias palavras podem sofrer lesões simbólicas, realizar os atos imaginários dos quais o paciente é o sujeito. Estamos lembrados da wesp (vespa), castrada do seu w inicial para se transformar no s. P. Das iniciais do homem dos lobos, no momento em que ele realiza a punição simbólica de que foi objeto por parte de grucha, a vespa.” (Função e campo da fala e da linguagem, p.302)

Cont: “assim, a fala pode tornar-se objeto imaginário ou real no sujeito ... “ (Função e campo da fala e da linguagem, p.303)

Se Jairo diz que às quatro formações do ics – chiste, sonho, lapso e sintoma-deve-se acrescentar a poesia, pensamos poder acrescentar o corpo. Esta, a grande formação do inconsciente., a grande formação da linguagem.

Sobre o segundo caminho teórico proposto, as modalidades da falta de objeto (a desenvolver melhor)

“no mundo humano, a estrutura como ponto de partida da organização objetal é a falta de objeto. Esta falta, do objeto, devemos concebê-la em seus diferentes escalões no sujeito – no nível da cadeia simbólica, que lhe escapa, tanto em seu começo como no

seu fim – no nível da frustração, onde ele está, com efeito, instalado num vivido pensado por si mesmo – mas igualmente esta falta devemos considerá-la no real, pois quando falamos aqui em privação, não se trata de uma privação experimentada. a privação é o centro de referência de que precisamos.” (sem 4 p. 55)

Natureza da falta de objeto	Objeto que falta	Agente da falta	Objeto a e suas incidências
Privação Furo, é uma <i>falta</i> real. - queda	Objeto simbólico (dom, objeto testemunho do dom)	Mãe real (onipotência da mãe: mãe pura potência)	s1 /a Gozo Causa do desejo
Frustração Dano imaginário “caráter imaginário da falta.”	Objeto real (a relação é direta) (seio, fezes, , <i>olhar e voz.</i> (objetos causa de desejo) Objetos ‘possuíveis’	Mãe simbólica (simbolização primitiva/demanda/ presença-ausência)	I(a) “imagem real, imagem do corpo funcionando na materialidade do sujeito” Demanda Indício do desejo
Castração Dívida simbólica	Objeto imaginário “caráter imaginário do objeto.” Objetos metafóricos	Metáfora paterna Referência fálica	I’(a) Desejo Objeto do desejo

Obs O objeto olho é a causa do desejo.

O objeto cíbalo é a causa da demanda

No estádio do espelho, a 3ª incidência do objeto a aparece antes que a segunda.

Natureza da falta do objeto: incidência 1, 2, 3, (obedecem esta seqüência)

Estádio do espelho: incidência 1, 3, 2:

Diz Lacan: “**deixo de lado a questão, questão de observação, de saber se a noção de not-me, não-eu, entra inicialmente pela imagem do outro ou por aquilo que é passível de se possuir**”